

# O REI QUE RIA

Finalista do PRÊMIO JOÃO-DE-BARRO  
Júri Infantil — Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Obra selecionada para  
BOLOGNA CHILDREN'S BOOK FAIR 2000,  
na categoria LIVROS PARA CRIANÇAS

FICHA CATALOGRÁFICA

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Costa, Marco Túlio, 1955 –  
O rei que ria / Marco Túlio Costa; ilustrações Luiz Maia. –  
São Paulo: Formato Editorial, 1999. –

ISBN 978-85-7208-248-8

1. Literatura infantojuvenil I. Luiz Maia.  
II. Título.

99-1732

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantil 028.5
  2. Literatura infantojuvenil 028.5
- 

6ª tiragem, 2019

CL: 811078

CAE: 602123

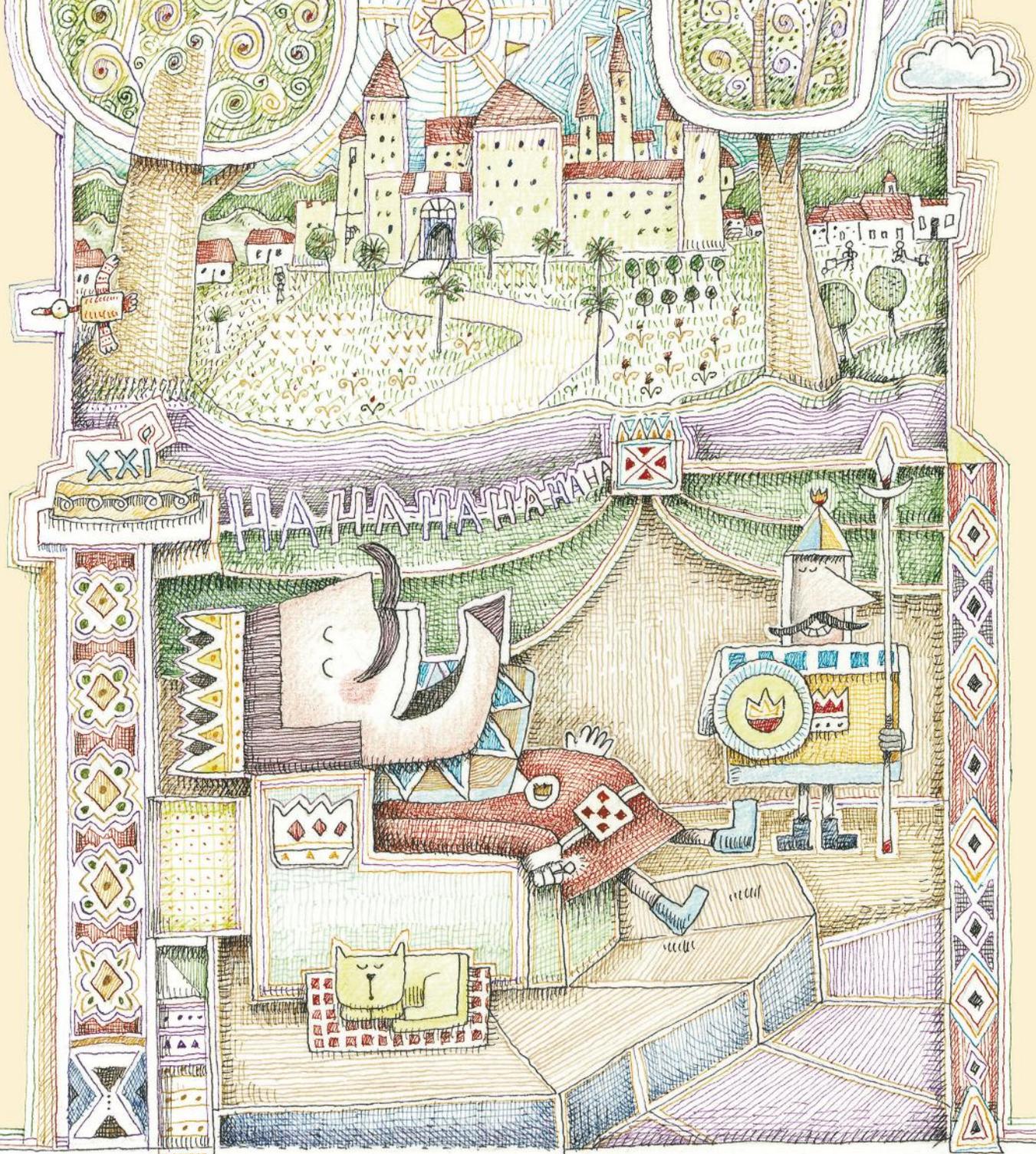
**Marco Túlio Costa**

# O REI QUE RIA



**Ilustrações: Luiz Maia**

**Formato**





**H**á muito tempo, governava o distante país de Zanzomba um rei que ria. Ria e ria de transbordar as medidas da graça, gastando seu tempo em fazer chacota de tudo e de todos, principalmente de seus súditos. Chamava-se Riobaldo Siesbaldo de Mofamontes.

Nesse reino era assim: quando os súditos completavam vinte e um anos, o rei lhes concedia o direito a um pedido especial.

Pode-se supor que viviam todos felizes naquela terra, já que tinham uma chance de satisfazer suas vontades, realizar sonhos ou pelo menos repor perdas e reparar danos, graças à sentença real.

Mas jamais uma pessoa conseguira sair da Sala do Trono com fortunas em joias, grandes somas em dinheiro, escrituras de terras, títulos honoríficos ou coisas assim. Para divertimento dos nobres da corte, as pessoas que desfilavam diante do rei só conseguiam fazer pedidos estrambóticos. Saíam do castelo de mãos abanando, com a face da própria decepção. Mas quando alguém perguntava ao sujeito:

– Que foi que você pediu ao rei?

O coitado logo se recompunha e, entre engasgos e balbucios, ia dizendo:

– Pedi a honra de tocar a ponta do manto de Sua Majestade!

Ou, então:

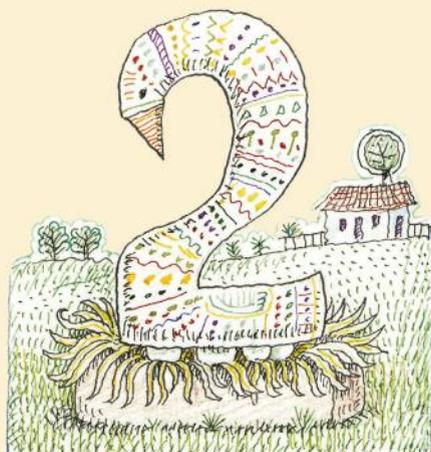
– Com satisfação, desejei vida longa ao rei!

Ou esta:

– Quis tão somente desejar bom-dia ao nosso soberano.

Assim, todos aqueles que algum dia tinham feito seu pedido desperdiçaram a preciosa oportunidade com saudações. Bom dia, Majestade, pra cá. Como está, Majestade, pra lá.





Numa província bem isolada de Zanzomba, vivia o velho e viúvo Pedro, dono de uma pequena casa, poucas terras e ralas cabeças de gado. Mas em seu lar cabia uma felicidade imensa. Tinha um filho – Juca Malazarte –, que o ajudava a cuidar de suas vaquinhas e das lavouras.

Um dia o velho Pedro Malazarte recebeu um convite para alegrar com suas histórias divertidas a corte de um rei que nunca ria, num reino muito triste. Ele arrumou suas trouxinhas, abençoou o filho e partiu. Assim, de um momento para o outro, viu-se o moço Juca sozinho no mundo, tendo que cuidar de tudo para sobreviver.